

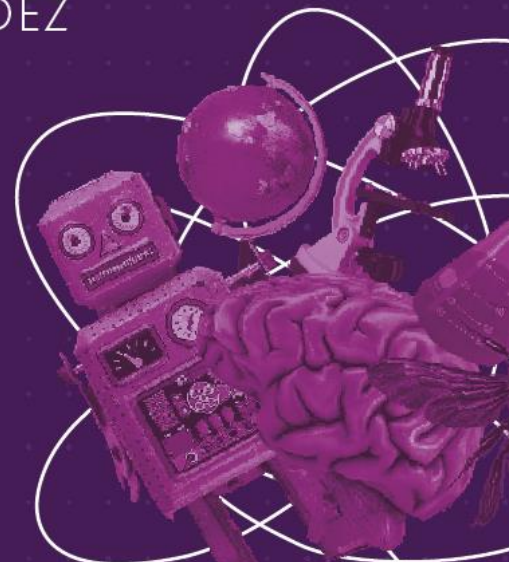
INVESTIGAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO PARA MÉDICOS RECÉM-FORMADOS NO DISTRITO FEDERAL

Professora orientadora: Fabiana Xavier Cartaxo Salgado

Aluna: Adria Maria Nascimento Junior

PROGRAMA DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PIC/CEUB

RELATÓRIOS DE PESQUISA
VOLUME 10 Nº 1- JAN/DEZ
2024



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

ADRIA MARIA NASCIMENTO JUNIOR

**INVESTIGAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO PARA MÉDICOS RECÉM-
FORMADOS NO DISTRITO FEDERAL**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pesquisa e Extensão.

Orientação: Fabiana Xavier Cartaxo Salgado

**BRASÍLIA
2025**

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa aos meus futuros colegas de profissão, que hoje enfrentam a árdua jornada da formação médica. A todos que ainda buscam o tão sonhado diploma, deixo meu incentivo. Reforço que, embora os desafios do mercado sejam significativos, eles podem ser superados com esforço e ética.

Estendo minha gratidão aos meus queridos veteranos que dedicaram seu tempo para responder ao meu questionário, contribuindo de forma essencial para a construção e a validade desta pesquisa.

Dedico também ao Centro Universitário de Brasília (CEUB), que, ao longo desses seis anos, foi mais do que uma instituição de ensino: foi um espaço de acolhimento e crescimento. Sou profundamente grata por ter convivido com profissionais que marcaram minha trajetória e me motivaram a seguir adiante com propósito e paixão.

AGRADECIMENTOS

Em contraponto à conhecida máxima “Deus escreve certo por linhas tortas”, creio firmemente que Jesus escreveu certo por linhas certas ao inspirar minha querida orientadora a me sugerir este tema. Afinal, sinto ter sido uma forma de me preparar para a realidade que eu estava prestes a vivenciar. Destaco aqui meu agradecimento à Doutora Fabiana Cartaxo, uma pesquisadora, mãe e avó extraordinária, a qual executa tudo que se propõe com excelência. Agradeço em especial pelos três anos de orientação, tanto nas pesquisas quanto nos conselhos pessoais.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido a graça de viver intensamente essa jornada. Ao meu anjo da guarda, meu melhor amigo, rogo para que siga ao meu lado e seja constantemente reabastecido de força. À doce Maria, minha mãe celestial, cujo nome compartilha com minha mãe terrena, agradeço por me cobrir com seu manto protetor e interceder por mim com tanto amor. À minha mãe, exemplo incansável de força e determinação, minha eterna gratidão por me ensinar, com coragem, a ser quem eu sou. Ao meu pai, hoje 2º Tenente da Força Aérea Brasileira, que sonhou a Medicina para mim antes mesmo que eu desejasse, agradeço por sua visão, sua confiança e por seu coração imenso.

Ao meu namorado, com quem compartilho esta conquista, registro meu mais profundo reconhecimento: nós conseguimos e, sem você, esse caminho teria sido muito mais árduo.

Certamente esta pesquisa sempre terá um lugar especial em meu coração, pois a iniciei como estudante de medicina e a concluo como médica recém-formada. Ao longo dessa bibliografia percebi como o tempo passou e como fui sendo lapidada pelas inúmeras experiências e desafios.

Por fim, agradeço a mim mesma. Pela coragem de permanecer, pela fé diante das incertezas e pela luta diária que me trouxe até aqui. Hoje posso afirmar, com serenidade e orgulho, que sou médica. Médica dos pobres, como minha bisavó sempre profetizou.

Pois todas as coisas concorrem para o bem dos que servem ao Senhor.

(Romanos, 8:28)

RESUMO

O mercado de trabalho para médicos recém-formados no Distrito Federal encontra-se marcado pela elevada concorrência, resultado da saturação de profissionais na região, cenário o qual é retroalimentado pela abertura de novas graduações em Medicina. Apesar do aumento no número de médicos, a oferta de vagas para residência não cresce na mesma proporção, o que mantém a carência de mão de obra especializada e dificulta a inserção dos recém-formados. Este estudo consiste em uma pesquisa descritiva, transversal e retrospectiva, com o objetivo de investigar o mercado de trabalho para médicos recém-formados pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB). A coleta ocorreu entre outubro de 2024 e março de 2025, por meio de um questionário eletrônico estruturado, validado e autoaplicável, com 26 perguntas fechadas, elaborado no Google Docs. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética e aplicado o Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE). A amostra analisada foi composta por 175 médicos recém-formados, composta por idade mediana de 28 anos, predominância de profissionais do sexo feminino (64%), maioria com estado civil solteiro (84%) e residentes no Distrito Federal (88,57%). Considerando às fontes de renda atuais dos recém-formados, constatou-se que 82,28% atuam como médicos e 36,56% recebem bolsas de pós-graduação. No que se refere à formação complementar, 33,71% estão cursando residência médica, enquanto 5,14% concluíram residência. Entre os cursos de pós-graduação *lato sensu*, 10,85% encontram-se em andamento e 3,42% foram finalizados. Considerando a inserção no mercado de trabalho, 53,7% relataram ter ingressado no primeiro emprego em até um mês após a formatura, sendo que 34,28% afirmaram possuir dois vínculos laborais e 25,1% declararam trabalhar entre 20 a 40 horas semanais. Constatou-se que 43,16% estão trabalhando no setor privado e 58% trabalham nos níveis secundoterciário de assistência. O estudo revelou que 66,3% dos médicos recém-formados declararam estar satisfeitos com a profissão. Sumarizando, a má distribuição geográfica de médicos, a precarização das relações de trabalho e a baixa adesão à atenção primária comprometem a qualidade e a equidade do sistema de saúde. Paralelamente, a discrepância entre o número de formados e as vagas de residência disponíveis, lançam luz à urgência de ampliar e melhorar os programas de residência médica, bem como a necessidade de investir em políticas de distribuição e fixação de médicos em regiões mais carentes do Brasil, a fim de melhor atender às demandas populacionais. Cabe ressaltar que mesmo considerando todos estes desafios, a rápida inserção no mercado de trabalho contribui para manter elevados os níveis de satisfação com a carreira médica entre os recém-formados.

Palavras-chave: formação médica; médicos recém-formados; mercado de trabalho.

SUMÁRIO

1	Introdução	7
1.1	Objetivos	8
1.1.1	Objetivo geral	8
1.1.2	Objetivos específicos	8
2	Fundamentação teórica	9
3	Método	12
4	Resultados e discussão	14
4.1	Perfil sociodemográfico dos médicos recém-formados	14
4.2	Fonte de renda dos médicos recém-formados	17
4.3	Pós-graduação dos médicos recém-formados	19
4.4	Perfil laboral dos médicos recém-formados	21
5	Considerações finais	24
	REFERÊNCIAS	26
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PIC	31
	APÊNDICE B – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS VIRTUAIS	39

1 Introdução

O mercado de trabalho para médicos recém-formados no Distrito Federal (DF) tem se caracterizado por um cenário de elevada competitividade, resultado do crescimento contínuo da oferta de cursos de graduação em Medicina e da concentração de profissionais na região. Atualmente, a unidade federativa conta com seis instituições de ensino superior, sendo elas duas públicas e quatro privadas, oferecendo 626 vagas anuais de medicina. Segundo pesquisa conduzida pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), o Distrito Federal apresenta a maior taxa de médicos no país, alcançando 6,28 médicos por mil habitantes, índice mais do que duas vezes superior à média nacional, que marca 2,98/mil (SCHEFFER et al., 2025).

Nas últimas duas décadas, o Brasil registrou uma expansão expressiva no número de médicos, resultado de políticas governamentais voltadas à ampliação do acesso à saúde e a autorização de novas faculdades de Medicina pelo Ministério da Educação (MEC). De acordo com dados da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) em parceria com a Associação Médica Brasileira (AMB), o quantitativo de 546 mil profissionais em 2022, aumentou para uma projeção de cerca de 635 mil até o final de 2025, refletindo um crescimento de quase 16% em apenas três anos (SCHEFFER et al., 2025).

Esse aumento expressivo repercute diretamente nas ofertas de emprego por todo o Brasil, assim como na capital federal. Apesar da abundância de médicos, a distribuição geográfica desses profissionais, dentro do Distrito Federal, é desigual. A maioria tem preferência por atuar em áreas centrais como o Plano Piloto, enquanto as regiões administrativas periféricas possuem defasagem de cobertura médica. Essa concentração limita as opções de inserção dos médicos recém-formados, pois precisam escolher entre enfrentar a alta concorrência nas localidades privilegiadas ou aceitar oportunidades em regiões com infraestrutura precária e com pouco apoio profissional (AFYA, 2023).

A discrepância entre o número de médicos formados e a quantidade de vagas disponíveis para residência médica é uma barreira à especialização no Brasil. De acordo com dados da Universidade Estadual de Campinas, em 2024 foram graduados 27.263 médicos, desconsiderando médicos de transferência do exterior. No entanto, nesse

mesmo ano, o número de vagas ofertadas para residência médica foi de apenas 16.189. Diante do ritmo acelerado de abertura de novos cursos de Medicina, estima-se que, em breve, o país forme cerca de 40.000 médicos por ano, mas com vagas de residência insuficientes para contemplar metade desse quantitativo (COSTA, 2025).

De acordo com a Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF), a rede pública distrital enfrenta uma significativa escassez de médicos especialistas, estimada em aproximadamente 1.800 profissionais. As áreas mais afetadas incluem clínica médica, medicina de emergência, cirurgia geral e cirurgia pediátrica. No âmbito da atenção primária, especificamente nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), observa-se uma defasagem adicional de 139 médicos de família, agravando a fragilidade do sistema público de saúde local (SCHWINGEL, 2023).

Mediante ao exposto, este estudo tem como objetivo investigar o mercado de trabalho para médicos recém-formados de um centro universitário particular no Distrito Federal. Para isso, buscou-se traçar o perfil sociodemográfico desses profissionais, analisar suas principais fontes de renda e a busca por pós-graduação. Além desses aspectos, foram exploradas as características da inserção laboral, incluindo os tipos de vínculos empregatícios assumidos, os níveis de atenção à saúde em que atuam e a carga horária semanal dedicada ao exercício profissional. Por fim, o estudo também abordou a percepção dos participantes quanto à satisfação com a carreira médica.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 OBJETIVO GERAL

Investigar o mercado de trabalho para médicos recém-formados em um centro universitário particular no Distrito Federal.

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer o perfil sociodemográfico dos médicos recém-formados;
- Investigar fontes de renda dos médicos recém-formados;
- Investigar a realização de cursos de pós-graduação;
- Investigar o tempo médio de empregabilidade dos médicos recém-formados;

- Identificar os tipos de trabalho exercidos pelos médicos recém-formados;
- Conhecer o nível de atenção à saúde em que atua (primária, secundária/terciária);
- Conhecer a carga horária semanal laboral dos médicos recém-formados;
- Identificar o nível de satisfação com a profissão médica.

2 Fundamentação teórica

No Brasil, o início das graduações em medicina foi no ano de 1808, com a criação das primeiras escolas médicas por ordem de D. João VI. A pioneira foi instalada em Salvador, Bahia, inicialmente denominada Escola de Cirurgia da Bahia, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Poucos meses depois, foi criada a segunda escola, no Rio de Janeiro. Ainda assim, em comparação com os demais países latino-americanos, o ensino superior médico brasileiro teve início tardio, afinal a primeira instituição de ensino superior da América Latina foi fundada no Peru, em 1551 (TONELLI, 2016; FENELON, 2008).

A partir dos anos 2000, o Brasil vivenciou um crescimento acentuado na quantidade de cursos de Medicina. Entre 2000 e 2019, o número de escolas médicas aumentou em 214,9%, conforme dados da Sistemática de Avaliação Nacional da Educação Superior. Esse avanço foi intensificado com a criação do Programa Mais Médicos (PMM), em 2013, que além de expandir o provimento de profissionais em regiões de difícil acesso, também fomentou a abertura de novas vagas em cursos de graduação e programas de residência médica. Entre 2013 e 2018, foram criadas 13.624 novas vagas em cursos médicos. Atualmente, o Brasil ocupa a segunda posição global em número de cursos de Medicina, com 389 instituições ativas, sendo superado apenas pela Índia, o qual possui uma população seis vezes superior à brasileira (JÚNIOR, et al., 2021).

Conforme explicitado por Assis (2023), o crescimento numérico não tem sido acompanhado pela distribuição de médicos no território nacional. Embora o número absoluto de profissionais venha aumentando, há uma clara concentração em regiões economicamente desenvolvidas. Estima-se que 62% dos médicos atuem apenas em três estados: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Enquanto isso, 4.890 municípios

brasileiros, que concentram aproximadamente 65,8 milhões de habitantes, são assistidos por apenas 8% dos médicos formados. A disparidade regional é ainda mais evidente quando se analisa o Norte do país, que representa 8,8% da população brasileira, mas conta com apenas 4,6% dos médicos em atividade. No Nordeste, o padrão se repete pois há cerca de oito vezes mais médicos nas capitais do que no restante do território nordestino (GONÇALVES, et al., 2023).

De acordo com o documento emitido pelo Conselho Federal de Medicina, cerca de 20% dos egressos registram-se em estados distintos daqueles onde se formaram. Além disso, 6,2% dos médicos que não migraram inicialmente acabam solicitando transferência de registro no primeiro ano após a graduação. A tendência de migração é mais acentuada entre os formandos das regiões Norte e Centro-Oeste, com taxas de 25% e 13%, respectivamente. Por outro lado, Sul e Sudeste apresentam índices inferiores a 7%. Essas movimentações são justificadas por busca por especializações, melhor remuneração e condições estruturais mais favoráveis ao exercício profissional (CFM, 2024; CFM, 2022).

Apesar dos projetos implementados em 2013 como o Programa Mais Médicos, a má distribuição de médicos persiste. As projeções para 2035 não indicam melhoria ainda que o país alcançará a marca de 4,43 médicos por mil habitantes. Nessas previsões, enquanto o Distrito Federal deverá contar com 8,29 médicos por mil habitantes, estados como o Acre e o Pará permanecerão abaixo de 2 médicos/mil habitantes. Adicionalmente, mais de 70% dos médicos estarão concentrados em apenas nove unidades da federação, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Paraná (SCHEFFER, et al., 2023).

Outro entrave é a crescente dificuldade de acesso à especialização. O número de vagas ofertadas nos programas de residência médica não acompanha a expansão da graduação. Isso significa que, embora o número de médicos generalistas aumente, a população continua demandando cada vez mais especialistas. Em valores numéricos, o Brasil contabiliza mais de 210 mil médicos generalistas entre os 575.930 médicos ativos registrados (CFM, 2024). Essa discrepância compromete a qualidade da assistência

prestada e sobrecarrega o sistema público de saúde, que não consegue absorver adequadamente os recém-formados (SCHEFFER, et al., 2023).

Isso é respaldado pois há um reconhecimento de que os seis anos de graduação não são suficientes para garantir a autonomia clínica esperada do egresso. Apesar do objetivo de formar profissionais com capacidade de solucionar até 80% dos problemas de saúde na atenção básica, esse nível de resolutividade poucas vezes é atingido sem formação complementar. Tendo em vista isso, propostas para tornar a residência médica obrigatória são reforçadas (JÚNIOR, et al., 2024).

Segundo Carreiro e Silva Carreiro (2024), nos últimos anos, a precarização das relações de trabalho na medicina tem se tornado um fenômeno cada vez mais evidente, impulsionada por um mercado saturado e pela lógica produtivista que passou a predominar no setor. Nesse modelo, o rendimento dos profissionais está diretamente atrelado ao volume de atendimentos realizados, o que tem levado inclusive médicos a atenderem a mais de 500 quilômetros de suas residências. Essa dinâmica é alimentada pela ampla disponibilidade de mão de obra médica, o que reduz o valor da hora trabalhada e permite que contratantes tratem os profissionais como recursos facilmente substituíveis.

Isso é estampado na intensificação do processo de pejetização, ou seja, a contratação de médicos por meio de Pessoa Jurídica (PJ). Esse modelo de relação contratual tem agravado a competitividade no mercado de trabalho médico e reduzido de forma significativa as oportunidades de empregos estáveis, sobretudo para os profissionais recém-formados. A adoção desse tipo de vínculo resulta na perda de autonomia do médico sobre os termos contratuais e as condições de trabalho, além de favorecer práticas de contenção de custos por parte dos contratantes, frequentemente à custa da supressão de direitos trabalhistas. Essa configuração acarreta maior rotatividade e dificuldade de consolidação profissional, tornando ainda mais desafiadora a inserção e a permanência dos novos médicos no mercado de trabalho (LEVI, et al., 2022).

No que tange à remuneração, o cenário também é desafiador. Segundo Sobradinho et al (2023), em estudo promovido pela Faculdade de Medicina da USP, demonstrou que a média salarial dos médicos caiu 12% entre os anos de 2012 e 2020. A pesquisa também revelou disparidades entre os profissionais por faixa etária e gênero: os médicos mais jovens têm os menores rendimentos, e as mulheres médicas recebem, em média, R\$ 13 mil a menos que os médicos homens.

Diante dessa realidade, observa-se uma busca por trajetórias alternativas para além da prática clínica tradicional. Conforme destaca um artigo promovido pelo Centro Universitário Governador Ozanam Coelho, médicos recém-formados têm buscado alternativas em áreas como ensino, telemedicina e empreendedorismo. No campo acadêmico, muitos profissionais atuam como docentes, preceptores ou pesquisadores vinculados a universidades, contribuindo para a formação de novos médicos. Adicionalmente, a telemedicina foi regulamentada pela Resolução nº 2.314/2022 do Conselho Federal de Medicina, permitindo o exercício da medicina à distância por meio de plataformas digitais. Por fim, o empreendedorismo médico também se destaca como uma tendência crescente, com profissionais optando por abrir suas próprias clínicas ou atuar como consultores em gestão em saúde (UNIFAGOC, 2025).

3 Método

O atual trabalho consistiu em uma pesquisa descritiva, transversal de caráter retrospectivo, objetivando investigar o mercado de trabalho para médicos recém-formados no Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB).

A coleta de dados foi realizada no período de outubro de 2024 a março de 2025, através da aplicação de um questionário eletrônico estruturado auto preenchível validado, contendo 25 questões fechadas, digitadas no *Google Docs* (Apêndice A). Juntamente com o questionário foi empregado o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) (Apêndice B) e texto explicando o estudo e sua importância. Cabe ressaltar que este questionário já foi anteriormente aplicado em egressos de instituição particular do Sul do país (Universidade Positivo de Curitiba - Paraná) (PURIM, BORGES, POSSEBOM, 2016).

Foram considerados critérios de inclusão médicos formados no Ceub entre os

anos de 2022 e 2024 (seis semestres), empregados e desempregados. Foi considerado “empregado”, qualquer atividade laboral, remunerada ou não, compatível com sua formação profissional ou não. Além disso, foi considerado “desempregado” o médico sem qualquer atividade laboral. Em contraponto, foi considerado critério de exclusão os médicos que não concordaram em participar da pesquisa, e os que não responderam ao convite enviado para participação.

Tendo como base os parâmetros acima, a lista de médicos formados no Ceub, aptos a participar da pesquisa, bem como o contato de e-mail institucional e whatsapp foi obtido no setor de egressos do Ceub. O convite aos participantes foi realizado tanto por e-mail quanto por mensagem no whatsapp, contendo todas as informações da pretensa pesquisa. O prazo de preenchimento do formulário foi de 30 dias, contados a partir do envio do mesmo. Um segundo comunicado lembrando do preenchimento foi enviado no 10º dia após o envio e ainda um 3º comunicado após o 20º dia de envio.

As variáveis abordadas envolveram aspectos sociodemográficos como sexo, idade, situação conjugal, local de moradia e nacionalidade. Outras variáveis incluíram fontes de renda como trabalho formal, informal e provenientes de bolsa de programa de pós-graduação, entre outros. Na investigação de cursos de pós-graduação foram considerados a residência médica, especializações, mestrados e doutorados, bem como cursos de atualização do conhecimento. A investigação dos tipos de trabalho exercidos incluiu: privado, público, autônomo e voluntário. A variável que investigou o nível de atenção à saúde em que os médicos atuavam foi: atenção primária (unidade básica de saúde, unidade de saúde da família, clínica privada e ambulatórios gerais) e atenção secundo-terciária (hospitais, pronto socorro, ambulatório especialidades).

O universo amostral dos médicos formados no Ceub nos semestres propostos nesta pesquisa é de 326. Para o cálculo amostral foi considerado nível de significância de 5%, poder de 90%, chance de 50% de cada ex-aluno participar ou não do estudo. Levando em conta os 326 médicos formados na instituição no período proposto, tivemos a amostra idealizada de 163 participantes.

Os dados quantitativos do estudo foram analisados no Statistical Package of Social Science (SPSS) versão 29.0.10. Todos os dados foram manejados de forma anônima, sem notificação nominal das participantes da pesquisa. Além disso, os

resultados foram apresentados de forma agregada, não permitindo a utilização de dados individuais dos pacientes do projeto.

Cabe ressaltar que esta proposta de pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), aprovada e registrada sob número de parecer 7.286.978.

4 Resultados e discussão

A coleta de dados, durante a prospecção entre outubro de 2024 a março de 2025, resultou na adesão de 175 médicos recém-formados do Centro Universitário de Brasília (CEUB). Vale destacar que dentre esses quantitativo, a turma com maior porcentagem de respostas foram os formandos do segundo semestre de 2024 (24%), seguido dos formandos do segundo semestre de 2023, que representaram 20% da amostra. Na Tabela 1, explicitamos o perfil sociodemográfico dos participantes.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico dos médicos recém-formados (n=175)

Perfil sociodemográfico	Variáveis	n	%
Idade (média±DP/mediana)	26,54±2,67 / 28 anos		
Nacionalidade	Brasileiro Nato	175	100
Sexo	Feminino	112	64
	Masculino	63	36
Estado civil	Solteiro	147	84
	Casado	20	11,42
	União estável	7	4
	Não declarou	1	0,57
Local que reside no momento	Distrito Federal	155	88,57
	Goiás	4	2,29
	Minas Gerais	3	1,71
	São Paulo	3	1,71
	Bahia	2	1,14
	Sergipe	2	1,14
	Amazonas	1	0,57

Ceará	1	0,57
Paraná	1	0,57
Rio de Janeiro	1	0,57
Rio Grande do Sul	1	0,57
Santa Catarina	1	0,57

A análise dos dados permitiu verificar que a idade média de inserção dos médicos recém-formados no mercado de trabalho é semelhante à observada em outras profissões caracterizadas por um tempo de formação prolongado, como a Engenharia. Um estudo conduzido pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) indicou que a idade média dos engenheiros recém-formados situa-se entre 25 e 30 anos, faixa etária compatível com os achados do presente trabalho. Esse padrão também se reflete no campo do Direito, onde mais da metade dos profissionais em atividade concentra-se entre 24 e 44 anos de idade, conforme demonstrado pelo 1º Estudo Demográfico da Advocacia Brasileira (FENILI, 2019; SIMONETTI, HORN e SALOMÃO, 2024). Não apenas em outras áreas, mas na própria medicina a mediana de idade se mantém nesse intervalo, pois segundo os achados de Freitas (2023), a idade mediana dos egressos de uma universidade pública de Minas Gerais foi 29 anos.

Adiante, observou-se uma discrepância na distribuição por sexo entre os profissionais médicos, evidenciando a predominância do sexo feminino. Tal achado está em consonância com uma inflexão demográfica ocorrida em 2009, ano em que, pela primeira vez, as mulheres superaram os homens entre os médicos recém-formados. No ano de 2009, foi observado entre as novas inscrições no conselho federal de medicina, que as mulheres representaram 50,4% desse grupo, enquanto os homens corresponderam a 49,6% dos registros. Apesar dessa inversão nas admissões, os homens ainda mantinham a maioria no total da categoria profissional, representando 60,1% dos registros ativos à época. Esse cenário, entretanto, foi gradualmente se modificando, e, em 2025, as mulheres representam a maioria entre os médicos em atividade no país, totalizando 50,9% do contingente profissional. Por conseguinte, projeções apontam que, até 2035, essa proporção poderá se ampliar, alcançando cerca

de 56% do total de médicos em exercício no Brasil (ALVES, 2020; CFM, 2020; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2025).

Em acréscimo, um dos desafios estruturais enfrentados historicamente pela saúde pública brasileira, a desigual distribuição geográfica de profissionais, também se refletiu nos resultados deste estudo. A preferência dos médicos pelas capitais resulta em um desfalque expressivo na rede assistencial das regiões do interior. Em resposta a essa realidade, o governo brasileiro tem adotado diferentes estratégias com o objetivo de reduzir tal desequilíbrio, como a criação de novas faculdades de medicina em municípios interioranos e a implementação do Programa Mais Médicos, instituído no ano de 2013. Esta política pública teve como finalidade o fortalecimento da atenção primária à saúde, a qualificação dos serviços prestados pelas unidades básicas e o provimento de médicos em áreas marcadas por maior vulnerabilidade social (SECOM, 2024).

Entretanto, o estudo realizado por Avena et al. (2025) analisa a expansão dos cursos de medicina nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste do Brasil. Apesar da criação de novas vagas em municípios com carência de profissionais, os autores observam que a estrutura acadêmica disponível e a capacidade institucional dessas localidades nem sempre são adequadas para sustentar a permanência dos médicos recém-formados fora dos grandes centros. Diante disso, o estudo reforça que, para que a interiorização da formação médica resulte em impactos mais duradouros e equitativos, é indispensável a adoção de medidas complementares, como a oferta de incentivos profissionais e o fortalecimento da infraestrutura local.

Em consonância com essa discussão, um levantamento realizado no estado do Espírito Santo demonstrou que, embora o Programa Mais Médicos tenha promovido avanços na cobertura de atenção básica em regiões carentes, ele não foi capaz de consolidar a permanência dos médicos, especialmente os recém-formados, nos municípios de menor porte e com infraestrutura limitada. Pois, mesmo após experiências temporárias em cidades interioranas, muitos profissionais optaram por migrar para capitais e regiões metropolitanas assim que encerraram seus vínculos contratuais. Essa mobilidade é atribuída à maior disponibilidade de recursos

tecnológicos, estabilidade profissional, acesso a programas de residência médica e melhores perspectivas de crescimento na carreira que os centros urbanos oferecem (MORAES et al., 2021).

Esse contexto geográfico é corroborado pelos achados da presente pesquisa, uma vez que quase noventa por cento da amostra encontra-se atualmente no Distrito Federal, região que, nos últimos treze anos, registrou um aumento de 75% no número de cadastros ativos no conselho regional de medicina, resultando na maior densidade médica do Brasil, despontando com mais que o dobro da média nacional de médicos por mil habitantes (CRMDF, 2024).

Por fim, destaca-se que a maioria dos profissionais participantes desta pesquisa se declarou solteira. Esse dado permite inferir uma facilidade de deslocamentos geográficos para outras regiões do país, por razões laborais, considerando a ausência de vínculos familiares descendentes, o que não se observou nesta pesquisa. Um achado semelhante foi identificado em estudo conduzido pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais, no qual 71,2% dos respondentes também se declararam solteiros. Esse paralelo reforça a hipótese de que tal padrão sociodemográfico é comum entre médicos recém-formados, possivelmente em razão da faixa etária e da etapa de vida em que se encontram (FREITAS et al., 2023). A Tabela 2, apresenta dados referentes à fonte de renda dos médicos recém-formados.

Tabela 2- Fonte de renda dos médicos recém-formados (n=175)

Fonte de renda	Variáveis	n	%
Atuação como médico	Sim	144	82,28
	Não	29	16,57
	Não declarou	2	1,14
Bolsa de pós-graduação	Não	111	63,42
	Sim, residência médica	59	33,71
	Sim, pós graduação	4	2,28
	Sim, mestrado	1	0,57
*Outras fontes	Não	134	75,28

	Formal	29	16,29
	Não declarou	8	4,49
	Informal	7	3,93

* foram citadas mais de uma fonte alternativa de renda

Em 2021, o Instituto Semesp, com o apoio da Symplicity, Cia de Talentos e InfoJobs, conduziu um estudo nacional voltado à análise da empregabilidade por área de formação, no qual a Medicina foi identificada como uma das carreiras com maior correspondência entre graduação e exercício profissional. De acordo com os dados apresentados pelos autores, 100% dos egressos do curso de Medicina que participaram da pesquisa relataram atuar em sua respectiva área de formação. Em contraste, os resultados da presente investigação, realizada no contexto do Distrito Federal, indicaram que cerca de um quinto dos médicos recém-formados não estão inseridos profissionalmente na área médica, evidenciando desafios para à absorção desses profissionais pelo mercado de trabalho (SESCON-SP, 2021).

Tal configuração revela uma transformação estrutural do mercado de trabalho médico no Brasil, no qual o aumento expressivo do número de profissionais formados não tem sido acompanhado por um crescimento proporcional de empregos formais. Para os médicos recém-formados, esse panorama representa um desafio duplo: a concorrência por oportunidades está mais acirrada, assim como a instabilidade e precarização nas condições contratuais (SCHEFFER et al., 2025).

Diante disso, os programas de residência médica configuram-se como uma das principais vias na busca por maior estabilidade profissional e financeira entre os médicos recém-formados. Porém, a remuneração inadequada do programa representa um dos obstáculos à formação especializada dos médicos recém-formados. O último reajuste das bolsas ocorreu há três anos, fixando o valor em R\$ 4.106,09, após um hiato de seis anos sem correção entre 2016 e 2022. Essa defasagem salarial obriga 80,6% dos residentes a realizarem plantões extras, trabalhando 14,1 horas adicionais semanalmente por necessidade financeira. O cenário cria um ciclo retroalimentado: o endividamento estudantil, combinado com a baixa remuneração da residência, envia médicos a priorizarem empregos imediatos em emergências, assim como 20% dos

médicos recém-formados que declararam apresentar fontes alternativas de renda (SILVA-JÚNIOR e ROCHA-FILHO., 2023; ANDRADE et al., 2025).

Paralelamente, esse contexto de baixa remuneração da residência médica pode ser um fator que intensifica a busca por alternativas de especialização, assim como descrito na Tabela 3.

Tabela 3 - Pós-graduação dos médicos recém-formados

Especialização	Variáveis	n	%
Está cursando residência médica	Não	115	65,71
	Sim	59	33,71
	Não declarou	1	0,57
Concluiu residência médica	Não	164	93,71
	Sim	9	5,14
	Não declarou	2	1,14
Cursando mestrado	Não	174	99,42
	Sim	1	0,57
Outros cursos de pós-graduação em andamento	Não	153	87,42
	Sim	19	10,85
	Não declarou	3	1,71
Conclusão de outros cursos de pós-graduação	Não	165	94,28
	Sim	6	3,42
	Não declarou	4	2,28
Realização de cursos de atualização do conhecimento	Sim	133	76
	Não	35	20
	Não declarou	7	4

O descompasso entre a formação médica e a especialização é cada vez mais evidente no Brasil, à medida que o número de estudantes matriculados em cursos de Medicina cresce em ritmo superior ao da expansão dos programas de residência médica.

Entre 2018 e 2024, esse aumento foi de 71%, impulsionado principalmente pela abertura de novas faculdades e pela ampliação de vagas em instituições pré-existentes. Nesse contexto, uma pesquisa, coordenada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) em colaboração com a Associação Médica Brasileira (AMB), aponta que, no mesmo período, o número de médicos residentes cresceu apenas 26%. Esses dados citados anteriormente corroboram com nossos achados, nos quais quase dois terços da amostra de médicos recém-formados não estão cursando residência médica (AMB, 2025).

Com isso, as pós-graduações *lato sensu*, estão despontando como uma via de oportunidade, mesmo que por outro lado estejam criando uma segmentação conturbada no mercado de trabalho médico. Embora apenas as residências médicas credenciadas pela CNRM e os títulos de especialista das sociedades filiadas à AMB garantam reconhecimento legal como especialista, a disseminação de cursos *lato sensu*, os quais contam com cerca de 2.148 cursos oferecidos por 373 instituições, reflete a demanda reprimida por especialização diante da escassez de vagas de residência (SCHEFFER et al., 2025).

Paradoxalmente, segundo estudo produzido pelo Research Center da Afya, médicos com pós-graduação *lato sensu* apresentam renda superior nos primeiros cinco anos (R\$ 21.604) quando comparados aos médicos dos programas de residência médica (R\$ 12.840), mas após dez anos, especialistas formados via residência médica superam consistentemente essa remuneração, evidenciando que a escolha por alternativas aparentemente mais vantajosas no curto prazo pode comprometer as perspectivas no longo prazo (AFYA, 2024).

Nesse sentido, entende-se que o mercado de trabalho para médicos recém-formados é dinâmico. Para um melhor detalhamento, a Tabela 4 foi construída a fim de analisar o perfil laboral dos médicos recém-formados de uma instituição de ensino superior privada do Distrito Federal.

Tabela 4 - Perfil laboral dos médicos recém-formados (n=175)

Aspectos laborais	Variáveis	n	%
Tipo de vínculo empregatício*	Privado	101	43,16
	Público	71	30,34
	Não exerce a medicina no momento	29	12,39
	Autônomo	24	10,25
	Voluntário	9	3,84
Quantidade de vínculo laboral atual como médico	Dois	60	34,28
	Um	44	25,14
	Três ou mais	42	24
	Não exerce a medicina no momento	29	16,57
Nível de atenção à saúde que atua**	Atenção secundo-terciária	116	58
	Atenção primária	55	27,5
	Não exerce a medicina no momento	29	14,5
Carga horária semanal	20 a 40 horas	44	25,1
	Mais de 60 horas	43	24,6
	41 a 60 horas	31	17,7
	Não exerce a medicina no momento	29	16,6
	Menos de 20 horas	28	16

*Os médicos recém-formados possuem mais de um tipo de vínculo empregatício

**Os médicos recém-formados trabalham em mais de um nível de atenção à saúde

Inicialmente, o tempo médio de empregabilidade para médicos recém-formados foi de até 1 mês para 53,7% e de 1 e 6 meses para 33,7% dos participantes após a formação acadêmica. Em acréscimo, para 12,39% dos egressos não estavam exercendo a profissão médica no momento. Esses dados, embora ainda demonstrem uma empregabilidade rápida para a maioria, podem se modificar nas próximas décadas, conforme observado pelas projeções da Demografia Médica no Brasil em 2023, que estimaram um crescimento de 90,8% no número de médicos até 2035, podendo atingir entre 1 milhão e 1,3 milhão de profissionais (SCHEFFER et al., 2024). A expansão acelerada de 38,7% no número de cursos médicos em apenas sete anos, faz com que o Brasil seja o país com maior número de faculdades de medicina do mundo, sugerindo uma saturação iminente do mercado, especialmente nas regiões Sul e Sudeste, onde a concentração médica já atinge proporções críticas (SCHEFFER et al., 2025).

Ao analisar os tipos de vínculo empregatício assumidos por médicos recém-formados, Miotto et al. (2018) destaca uma tendência à preferência pela rede privada de saúde, motivada principalmente pelo retorno financeiro mais imediato e pelas flexibilidades contratuais. Em contraponto, a inserção na rede pública costuma funcionar como uma solução transitória de preenchimento de vagas, especialmente em localidades de difícil provimento, caracterizando-se por alta rotatividade (MORAES, et al., 2021). No caso específico do Distrito Federal, observam-se particularidades que contribuem para a predominância da atuação na rede privada entre os recém-formados. Entre elas, destaca-se a exigência de processos seletivos como principal via de ingresso no setor público, frequentemente com editais que requerem experiência mínima de seis meses, o que representa um entrave para profissionais recém-formados (IGES, 2025). Logo, nossos dados estão de encontro com a literatura, pois a presença no setor privado foi de mais de dois quintos do montante total.

Durante a investigação do nível de atenção à saúde o qual o profissional exerce o papel assistencial, em nossa amostra, constatou-se que mais da metade dos recém-formados atuam em serviços de atenção secundária ou terciária, que correspondem a hospitais, unidades de pronto atendimento e ambulatórios de especialidades. Em sequência, cerca de um terço dos entrevistados atuam na Atenção Primária à Saúde. Essa distribuição respalda a observação de Schalch et al. (2022) de que, mesmo no setor público, postos hospitalares concentram a maior parte dos egressos, e reforça as fragilidades formativas, isto é, lacunas curriculares que deixam o recém-formado pouco exposto à clínica da atenção básica e inseguro para atuar na Atenção Primária à Saúde, apontadas por Viana e Ribeiro (2021). Assim, o prestígio dos procedimentos de maior complexidade, a disponibilidade de tecnologia diagnóstica e a verticalização rumo à residência explicam a atração dos recém-formados por esses ambientes.

Sob a ótica da carga horária semanal, um quarto dos médicos recém-formados indicaram exercer a profissão entre 20 e 40 horas por semana. Em seguida, com frequência semelhante, destacaram-se aqueles que relataram jornadas superiores a 60 horas semanais. Esse contexto, traz luz as jornadas de trabalho com horas em excesso, que representam um dos principais desafios enfrentados pelos médicos brasileiros, com estudos demonstrando que a média nacional situa-se em 52 horas semanais, podendo

umentar para 68,4 horas entre cirurgiões plantonistas (SILVA et al., 2021; OLIVEIRA et al., 2023). Essa sobrecarga laboral tem consequências diretas na saúde dos profissionais, evidenciada pela prevalência de burnout que atinge 45,2% dos cirurgiões em hospitais de trauma, com correlação diretamente proporcional entre horas trabalhadas e síndrome de burnout. Médicos que trabalham mais de 70 horas semanais apresentam 2,84 vezes maior risco de desenvolver transtornos mentais, além de maior propensão a erros médicos, com 22,6% dos cirurgiões sobrecarregados relatando erros nos últimos três meses (RODRIGUES et al., 2019; OLIVEIRA et al., 2023).

Em relação à quantidade de vínculos laborais, observou-se que mais de um terço dos médicos recém-formados mantêm dois empregos simultâneos, enquanto quase um quinto possuem três ou mais vínculos. Scheffer et al. (2020), encontrou em seus estudos que 44% dos médicos brasileiros possuem quatro ou mais vínculos. Dados da Demografia Médica de 2020 também corroboram a tendência encontrada, demonstrando que 20% dos médicos mantinham apenas um vínculo empregatício. Silva-Júnior e Rocha-Filho (2023), reforçam que essa multiplicidade de vínculos está diretamente relacionada com um desequilíbrio esforço-recompensa, no qual a percepção de remuneração inadequada motiva a busca por fontes adicionais de renda.

Por fim, no que tange à satisfação com a profissão médica, observou-se que 33,7% dos profissionais incluídos no estudo manifestaram algum grau de insatisfação, selecionando as categorias “pouco satisfeito” ou “insatisfeito”. Apesar disso, 56,6% indicaram a opção intermediária da escala de satisfação utilizada, correspondente à percepção de estar “satisfeito” com a atividade profissional. Tal resultado encontra respaldo no estudo conduzido por Ribeiro, Assunção e Araújo (2014), que analisou médicos da rede pública de Belo Horizonte e identificou que 64,9% declararam satisfação com o exercício da profissão. A pesquisa também evidenciou que aspectos como suporte institucional e menores níveis de sobrecarga estavam diretamente associados ao maior grau de satisfação.

5 Considerações finais

Os achados deste estudo reforçam a necessidade de reestruturar as políticas de incentivo voltadas à distribuição e fixação de médicos em campos de trabalho, com atenção especial às regiões do interior. Apesar de políticas como o Programa Mais Médicos, a má distribuição geográfica persiste. Cerca de 88,6% dos participantes residem no DF, reforçando a concentração em centros urbanos desenvolvidos.

Os médicos recém-formados enfrentam um cenário de precarização laboral preocupante, onde mais da metade precisa manter dois ou mais vínculos empregatícios para garantir renda adequada. Esta realidade se reflete na carga horária excessiva, com quase um quarto dos profissionais trabalhando mais de 60 horas semanais, ultrapassando significativamente os limites recomendados para a saúde ocupacional. O crescimento da "pejotização" e dos contratos instáveis agrava ainda mais este quadro, deixando os jovens médicos sem as garantias trabalhistas básicas e criando um ciclo de instabilidade que compromete tanto a qualidade de vida dos profissionais quanto a continuidade do atendimento aos pacientes.

A baixa adesão dos médicos recém-formados à atenção primária, em detrimento da atenção secundária e terciária, representa um desafio crítico para o sistema de saúde. A atenção primária constitui a base fundamental de qualquer sistema de saúde eficiente, sendo responsável pela prevenção de doenças, diagnóstico precoce, acompanhamento de condições crônicas e coordenação do cuidado. É essencial desenvolver estratégias que reforcem o valor da medicina de família e comunidade, tanto nos ambientes de formação acadêmica, como de condições de trabalho e remuneração, a fim de fortalecer a porta de entrada do sistema de saúde.

Um dos achados mais críticos é a discrepância entre médicos formados e vagas de residência médica. Torna-se igualmente imprescindível ampliar o número de vagas e melhorar as condições, inclusive financeiras, dos programas de residência médica, de modo a estimular a formação especializada. Para o sistema de saúde, os programas de residência são estratégicos, pois formam especialistas alinhados com as necessidades da população e podem direcionar profissionais para áreas prioritárias.

Mesmo considerando todos os achados que representam desafios para a carreira destes profissionais recém-formados, constatou-se uma média de tempo curta de empregabilidade, o que pode explicar os altos níveis de satisfação com a carreira médica entre os entrevistados.

REFERÊNCIAS

AFYA. Como é o mercado de trabalho para o médico no DF? **Educação Médica**, 2023. Disponível em: <https://educacaomedica.afya.com.br/blog/como-e-o-mercado-de-trabalho-para-o-medico-no-df#:~:text=Como%20%C3%A9%20o%20mercado%20para,carentes%20com%20escassez%20de%20profissionais>. Acesso em: 14 jul. 2025.

AFYA. Formação médica e remuneração: diferenças salariais do generalista e especialista. **Afya**, 2024. Disponível em: <https://portal.afya.com.br/carreira/formacao-medica-e-remuneracao-diferencas-salariais-do-generalista-e-especialista>. Acesso em: 13 ago. 2025.

ALVES, E. M. D. O. Breve história da mulher na medicina. **Sociedade Brasileira de Anatomia**, p. 17, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Elaine-Alves-2/publication/351037903_Historia_da_mulher_na_medicina_SBA_2020/links/60808f23881fa114b41b6ad9/Historia-da-mulher-na-medicina-SBA-2020.pdf.

AMB. Estudo revela agravamento na falta de vagas para residência médica no Brasil. **Associação Médica Brasileira**, 2025. Disponível em: <https://socgastro.org.br/novo/2024/11/estudo-revela-agravamento-na-falta-de-vagas-para-residencia-medica-no-brasil>

ANDRADE, B. B. The dark side of private medical education in Brazil. **Frontiers in Medicine**, 2025. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/medicine/articles/10.3389/fmed.2025.1504794/full>.

ASSIS, R. A quem interessa o aumento dos cursos de medicina? **Estado de Minas**, 2023. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/columnistas/renato-assis/2023/10/17/interna-renato-assis,1577993/a-quem-interessa-o-aumento-dos-cursos-de-medicina.shtml>. Acesso em: 15 mar. 2025.

AVENA, K. M. et al. Lessons learned from the expansion of medical schools in Brazil: a review of challenges and opportunities. **Frontiers in Education**, 2025. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/education/articles/10.3389/feduc.2024.1494445/full>

CARREIRO, G. S.; SILVA CARREIRO, P. K. Efeitos previstos e imprevistos de uma política pública: O Programa Mais Médicos e seu impacto no mercado de trabalho médico brasileiro. **Trabajo y Sociedad**, No 24, p. 133, 2024.

CARREIRO, G. S.; CARREIRO, P. K.; SOUSA, A. P. O Programa Mais Médicos e seus impactos no mercado de trabalho médico do Brasil. **Revista de Políticas Públicas**, 2021. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/17321/9356>.

CFM. Egressos migram em busca de oportunidades. **Conselho Federal de Medicina**, 2022. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/egressos-migram-em-busca-de-oportunidades/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

CFM. Em 20 anos dobra o número de mulheres que exercem a medicina no Brasil. **Conselho Federal de Medicina**, 2020. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/em-20-anos-dobra-o-numero-de-mulheres-que-exercem-a-medicina-no-brasil>.

COSTA, F. F. Desafios na formação de médicos especialistas no Brasil. **Boletim FCM**, v. 13, n. 1, 2025. Disponível em: <https://portal.fcm.unicamp.br/artigo/desafios-na-formacao-de-medicos-especialistas-no-brasil>

CRMDF. Quantidade de médicos no Distrito Federal aumentou 75% em 13 anos. **Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal**, 2024. Disponível em: <https://crmdf.org.br/noticias/quantidade-de-medicos-no-distrito-federal-aumentou-75-em-13-anos>.

FENELON, S. Primeira Faculdade de Medicina do Brasil - Faculdade de Medicina do Bahia (**FAMEB**). 2008. Disponível em: <http://www.imaginologia.com.br/dow/Primeira-Faculdade-de-Medicina-do-Brasil.pdf>. Acesso em: 20 jun 2025.

FENILI, B. M. Análise da inserção de engenheiros civis recém-formados no mercado de trabalho. 2019. Monografia (Especialização em Gerenciamento de Obras) – **Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba, Departamento Acadêmico de Construção Civil**, Curitiba, 2019. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/19177/1/CT_GEOB_XXV_2019_07.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.

FREITAS, B. A. C. D. et al. Aspectos sociodemográficos e perfis de formação e atuação profissional dos médicos egressos de uma instituição federal brasileira. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 23(8), e13405, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/REAS.e13405.2023>.

GONÇALVES, B. R. et al. Análise da expansão do curso de medicina à luz das principais políticas públicas de formação em saúde no Brasil. In: A pesquisa em saúde: desafios atuais e perspectivas futuras 6. **Atena Editora**, p. 241–258, 2023.

IGES. Médico plantonista - edital 088/2025. **Instituto de Gestão Estratégica de Saúde do Distrito Federal**, 2025. Disponível em: <https://processoseletivo.igesdf.org.br/vagas/medico-plantonista-088-2025>.

JÚNIOR, C. J. DOS S. et al. Expansão de vagas e qualidade dos cursos de Medicina no Brasil: “Em que pé estamos?”. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, 2021.

JÚNIOR, G. A. P. et al. Reflections on the current context and assessment of undergraduate medical education in Brazil. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias**, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/QYB4rrtBMCKgxc7fR5CmvL/?lang=en>.

LEVI, M. L. et al. Médicos e terceirização: percepções de trabalhadores e gestores sobre as transformações recentes no mercado de trabalho. **Trabalho, educação e saúde**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/C5pyp9DnPZsLKk4vLgkQxGm/abstract/?lang=pt>.

MIOTTO, B. A. et al. Physician's sociodemographic profile and distribution across public and private health care: an insight into physicians' dual practice in Brazil. **BMC Health Services Research**, v. 18, p. 299, 2018. Disponível em: <https://bmchealthservres.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12913-018-3076-z>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Usuários de plano de saúde têm mais acesso a cirurgias do que pacientes do SUS, aponta Demografia Médica 2025. **Ministério da Saúde**, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/abril/usuarios-de-plano-de-saude-tem-mais-acesso-a-cirurgias-do-que-pacientes-do-sus-aponta-demografia-medica-2025>.

MORAES, P. H. et al. Interiorização médica no Espírito Santo: limites da permanência. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, 16(43), 2021.

MORAES, P. L. M. et al. Desigualdades geográficas na implantação do Programa Mais Médicos em um estado brasileiro. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, 2021. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2765>.

OLIVEIRA, P. R. et al. Burnout Syndrome Prevalence of On-Call Surgeons in a Trauma Reference Hospital and Its Correlation With Weekly Workload. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/dkv7JvCb3mhwbrLBHsL4jfR/?lang=en>.

PURIM, K. S. M.; BORGES, L. DE M. C.; POSSEBOM, A. C. Profile of the newly graduated physicians in southern Brazil and their professional insertion. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 43, p. 295–300, 2016.

RIBEIRO, R. B. N.; ASSUNÇÃO, A. A.; ARAÚJO, T. M. D. Factors associated with job satisfaction among public-sector physicians in Belo Horizonte, Brazil. **International Journal of Health Services**, v. 44, n. 4, p. 787–804, 2014.

RODRIGUES, M. L. et al. Prevalence and Correlates of Depression, Anxiety, and Stress in Medical Residents of a Brazilian Academic Health System. **Academic Medicine**, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31185960/>.

SCHALCH, A. S. et al. Onde trabalham os médicos formados na FMUSP? **Revista de Medicina** (São Paulo), 101(1), p. 1–7, 2022.

SCHEFFER, M. et al. Demografia Médica no Brasil 2023. São Paulo, SP: **FMUSP, AMB**, p 344, 2023.

SCHEFFER, M. et al. Demografia Médica no Brasil 2025. Brasília, DF: **Ministério da Saúde; Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Associação Médica Brasileira**, 2025. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/demografia_medica_brasil_2025.pdf.

Acesso em: 7 jul. 2025.

SCHEFFER, M. et al. Ministério da Saúde; Universidade de São Paulo; Associação Médica Brasileira. Relatório Demografia Médica no Brasil 2020. **Conselho Federal de Medicina**, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sgtes/acoes-em-educacao-em-saude/cfm-e-usp/07-relatorio-demografia-medica-no-brasil_2020-5.pdf.

SCHEFFER, M. C. et al. Demografia Médica no Brasil 2023. **Faculdade de Medicina da USP e Associação Médica Brasileira**, 2024. Disponível em: <https://radardofuturo.com.br/futuro-da-medicina-brasil-podera-ter-mais-de-13-milhao-de-medicos-em-2035/>.

SCHEFFER, M. C.; GUILOUX, A. G. A.; POZ, M. R. D.; SCHRAIBER, L. B. Brazil's Experiment to Expand Its Medical Workforce Through Private and Public Schools: Impacts and Consequences. **Globalization and Health**, 2025. Disponível em: <https://globalizationandhealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12992-025-01105-8>.

SCHWINGEL, S. DF tem déficit de mais de 2 mil médicos na rede pública de saúde. **Metrópoles**, 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/df-tem-deficit-de-mais-de-2-mil-medicos-na-rede-publica-de-saude>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SECOM. Programa Mais Médicos. **Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República**, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/acesso-a-informacao/comunicabr/lista-de-acoes-e-programas/programa-mais-medicos>.

SESCON-SP. 3ª Pesquisa de Empregabilidade. **SEMESP**, 2021. Disponível em: https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Empregabilidade_2021_V4.pdf.

SILVA, L. C. et al. Burnout Syndrome in Brazilian Medical Doctors: A Cross-Sectional Examination of Risk and Protective Factors. **Frontiers in Health Services**, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/frhs.2021.760034/full>.

SILVA-JÚNIOR, M. L. M.; ROCHA-FILHO, P. A. S. Moonlighting and physician residents' compensation: is it all about money? A cross-sectional Brazilian study. **São Paulo Medical Journal**, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spmj/a/dXF9jNwcbHbBrRnxQNtH9QH/?lang=en>.

SIMONETTI, J. A.; HORN, R. D. A.; SALOMÃO, L. F. Perfil adv: 1º estudo demográfico da advocacia brasileira. **OAB Nacional; FGV Justiça**, v. 210, p. il, 2024.

SOBRADINHO, W. P. Renda de médicos cai 12% em 8 anos; mulheres ganham R\$ 13 mil a menos. **UOL**, 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2023/02/08/salario-medico-mulheres-ganham-menos-demografia-medica-no-brasil.htm>. Acesso em: 13 jun 2025.

TONELLI, E. Escolas médicas. **Boletim da UFMG**, n. 1942, ano 42, 2016.

UNIFAGOC. Mercado de trabalho em medicina: onde o profissional pode atuar. **Centro Universitário Governador Ozanam Coelho**, 2022. Disponível em: <https://unifagoc.edu.br/medicina/mercado-de-trabalho-em-medicina-onde-o-profissional-pode-atuar/#:~:text=Empreendedorismo%20e%20neg%C3%B3cios,busca%20de%20um%20melhor%20atendimento>.

VIANA, V. G. A.; RIBEIRO, M. F. M. Fragilidades que afastam e desafios para fixação dos médicos da ESF. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, 9(Supl. 1), p. 216–227, 2021.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PIC

QUESTIONÁRIO PIC - Investigação do Mercado de Trabalho para Médicos Recém-Formados no Distrito Federal

Caro(a) médico(a),

Convidamos o sr(a) a participar da pesquisa "Investigação do Mercado de Trabalho para Médicos Recém-Formados no Distrito Federal", conduzido pela Dra Fabiana Xavier Cartaxo Salgado. O questionário só é indicado aos egressos do Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB) entre 2022 e 2024.

A pesquisa tem como objetivo investigar como se encontra o mercado de trabalho para médicos recém-formados em um centro universitário particular do Distrito Federal. **Esta pesquisa se justifica, ao considerar a nota emitida pelo Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, em abril de 2024, declarando que a quantidade de médicos no Planalto Central aumentou em 75% nos últimos 13 anos.** Em relação ao parâmetro de médicos por mil habitantes, a capital federal desponta com a maior densidade de médicos no país, marcando um índice de 6,3 médicos por mil habitantes, sendo mais que o dobro da média nacional, que marca 2,8 médicos por mil habitantes (CRM- DF, 2024).

Sua participação é voluntária e se dará pela resposta de questões envolvendo variáveis como fonte de renda (trabalho formal, informal, bolsa de programa de pós-graduação, entre outros); cursos de pós-graduação (residência médica, especializações, mestrados e doutorados, cursos de atualização do conhecimento) e tipos de vínculos exercidos (privado, público, autônomo, voluntário).

Informamos que para participar da pesquisa será necessário aprovar o **Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas Virtuais**. Este documento tem como finalidade assegurar que você esteja plenamente informado(a) sobre os aspectos da pesquisa, promovendo transparência. Além disso, garante que suas respostas serão tratadas com total confidencialidade e que os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa, em conformidade com todas as normas éticas vigentes.

Uma cópia do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas Virtuais pode ser acessado a qualquer momento pelo link: https://drive.google.com/file/d/1why8hWfmMC8_b4KE7S0nc_-l64CzS7XL/view?usp=drive_link

Recomendamos o download de um cópia desse documento. Além disso, ao assinalar: "Li e concordo com o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas Virtuais" confirma o aceite de todos os termos presentes no documento.

Desde já, agradecemos sua colaboração com a pesquisa!

adria.mariajr@gmail.com [Mudar de conta](#)



Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas Virtuais *

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo

INVESTIGAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO PARA MÉDICOS RECÉM-FORMADOS NO DISTRITO FEDERAL, DESENVOLVIDO POR PESQUISADORES DO Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB).

O nome deste documento que você está lendo é Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) que visa assegurar seus direitos como participante. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo.

A pesquisa tem como objetivo investigar como se encontra o mercado de trabalho para médicos recém-formados em um centro universitário particular do Distrito Federal. **Esta pesquisa se justifica, ao considerar a nota emitida pelo Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, em abril de 2024, declarando que a quantidade de médicos no Planalto Central aumentou em 75% nos últimos 13 anos.** Em relação ao parâmetro de médicos por mil habitantes, a capital federal desponta com a maior densidade de médicos no país, marcando um índice de 6,3 médicos por mil habitantes, sendo mais que o dobro da média nacional, que marca 2,8 médicos por mil habitantes (CRM- DF, 2024).

Sua participação consiste em responder um questionário eletrônico estruturado auto preenchível validado, contendo 25 questões fechadas, digitadas no Google Docs. Cabe ressaltar que este questionário já foi anteriormente aplicado em egressos de instituição particular do Sul do país (Universidade Positivo de Curitiba - Paraná) (PURIM, BORGES, POSSEBOM, 2016). O prazo de preenchimento do formulário será de 30 dias, contados a partir do envio do mesmo. Um segundo comunicado lembrando do preenchimento será enviado no décimo dia após o envio e ainda um terceiro comunicado após o 20º dia de envio.

Este estudo possui riscos de confidencialidade, porém, visando te proteger nos comprometemos que o convite para participação na pesquisa não será feito com a utilização de listas que permitam a identificação dos convidados nem a visualização dos seus dados de contato (e-mail, telefone, etc) por terceiros.

Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com os futuros formandos, gestores de saúde e comunidade científica, revelando um panorama atual do mercado de trabalho para médicos recém-formados no DF.

Os resultados aqui encontrados ambicionam fomentar a importante discussão da desigualdade na distribuição geográfica de profissionais médicos no país, que findam por comprometer a qualidade da assistência em saúde de parte da população brasileira, ameaçando assim o princípio de equidade, proposta no Sistema Único de Saúde.

Sua participação será voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis. Também terá o direito de não responder qualquer uma das perguntas. Embora nenhum dano físico ou psíquico seja esperado durante ou após a aplicação deste questionário, em caso de ocorrerem e, se desejado, o pesquisador responsável providenciará o seu encaminhamento ao Serviço Médico.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo. Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas. Os dados e instrumentos utilizados (por exemplo, fitas, entrevistas, questionários) ficarão guardados sob a responsabilidade da Doutora Fabiana Xavier Cartaxo Salgado com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma dúvida referente aos objetivos, procedimentos e métodos utilizados nesta pesquisa, entre em contato com a pesquisadora responsável Dra Fabiana Xavier Cartaxo Salgado, e-mail: fabiana.salgado@ceub.edu.br. Também, se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP-UniCEUB), que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h30 às 12h30 e 14h30 às 18h30. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Caso concorde em participar deste estudo, favor assinalar a opção a seguir:

- Li e concordo com o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas Virtuais

Idade (responda em numeral)

Exemplo: 30

Sua resposta _____

Nacionalidade

- Brasileiro nato
 - Naturalizado brasileiro
 - Estrangeiro
 - Prefiro não declarar
-

Sexo

- Masculino
 - Feminino
 - Prefiro não declarar
-

Estado Civil

- Solteiro
 - Casado
 - Viúvo
 - Divorciado
 - União Estável
 - Prefiro não declarar
-

Semestre e ano de formatura

Exemplo: 1/2024

Sua resposta _____

Local onde morava antes do curso de medicina (responda cidade - estado)

Exemplo: Brasília - Distrito Federal

Sua resposta _____

Local em que reside no momento (responda cidade - estado)

Exemplo: Brasília - Distrito Federal

Sua resposta _____

Informações relacionados à renda

Zelamos por deixar a opção de "Prefiro não declarar" preservando o direito de abstenção do entrevistado. Porém, pedimos, encarecidamente, que optem por responder o máximo de perguntas para que consigamos representatividade estatística.

Possui renda proveniente do seu trabalho como médico?

- Sim
- Não
- Prefiro não declarar

Possui renda proveniente de bolsa de pós-graduação (especialização, residência médica, mestrado, doutorado)

- Sim, especialização
- Sim, residência médica
- Sim, mestrado
- Sim, doutorado
- Não
- Prefiro não declarar

Possui renda proveniente de outras fontes, além das citadas acima?
Se possui, quais são elas?
(Caso não possua, escreva: não se aplica).

Sua resposta

Informações sobre cursos pós-graduação

Zelamos por deixar a opção de "Prefiro não declarar" preservando o direito de abstenção do entrevistado. Porém, pedimos, encarecidamente, que optem por responder o máximo de perguntas para que consigamos representatividade estatística.

CONCLUIU a residência médica? Em qual área?
(Responda com Sim, área ou Não)
Exemplo: Sim, Ginecologia e Obstetrícia OU Não.

Sua resposta _____

ESTÁ CURSANDO residência médica? Em qual área?
(Responda com Sim, área ou Não)
Exemplo: Sim, Ginecologia e Obstetrícia OU Não.

Sua resposta _____

CONCLUIU especialização ou outros cursos de pós-graduação? Em qual área?
(Responda com Sim, área ou Não)
Exemplo: Sim, Ginecologia e Obstetrícia OU Não.

Sua resposta _____

ESTÁ CURSANDO especialização ou outros cursos de pós-graduação?
Em qual área?
(Responda com Sim, área ou Não)
Exemplo: Sim, Ginecologia e Obstetrícia OU Não.

Sua resposta _____

Você faz cursos de atualização?

- Sim
- Não
- Prefiro não declarar

Em quanto tempo você conseguiu seu primeiro emprego, após iniciar a procura?

- Até 1 mês
 - 1 mês a 6 meses
 - 6 meses a 1 ano
 - mais de 1 ano
 - Prefiro não declarar
 - Não estou trabalhando no momento
-

Quantos trabalhos você possui como médico?

- Um
 - Dois
 - Três ou mais
 - Prefiro não declarar
 - Não estou trabalhando no momento
-

Qual(is) tipo(s) de trabalho(s) você possui?

- Público
 - Privado
 - Autônomo
 - Voluntário
 - Prefiro não declarar
 - Não estou trabalhando no momento
-

Qual(is) seus locais de atuação como médico?

- Atenção primária (unidade básica de saúde, unidade de saúde da família, clínica privada e ambulatórios gerais)
 - Atenção secundo-terciária (hospitais, pronto socorro, ambulatório especialidades)
 - Prefiro não declarar
 - Não estou trabalhando no momento
-

Você exerce cargo de chefia, coordenação ou gestão de saúde?

- Sim
- Não
- Prefiro não declarar

Quantas horas por semana você trabalha habitualmente como médico?

- < 20 horas
- 20 a 40 horas
- 41 a 60 horas
- mais de 60 horas
- Prefiro não declarar
- Não estou trabalhando no momento

Você atua em consultório? Qual modalidade?

- Sim, modalidade individual
- Sim, modalidade em grupo
- Não
- Prefiro não declarar

Você faz plantões extras?

- Sim
- Não
- Prefiro não declarar

Onde você faz plantões extras?

Exemplo: UPA, Pronto socorro, Consultório particular.

Caso não faça, escreva: não se aplica.

Sua resposta _____

Qual o motivo de você fazer plantões extras?

Exemplo: Aporte financeiro

Caso não faça, escreva: não se aplica

Sua resposta _____

Qual seu grau de satisfação com a profissão médica?

- Insatisfeito
- Pouco satisfeito
- Satisfeito
- Muito satisfeito
- Prefiro não declarar

APÊNDICE B - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS VIRTUAIS



Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas Virtuais

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo **INVESTIGAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO PARA MÉDICOS RECÉM-FORMADOS NO DISTRITO FEDERAL**, DESENVOLVIDO POR PESQUISADORES DO Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB). O nome deste documento que você está lendo é Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) que visa assegurar seus direitos como participante. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo.

A pesquisa tem como objetivo investigar como se encontra o mercado de trabalho para médicos recém-formados em um centro universitário particular do Distrito Federal. Esta pesquisa se justifica, ao considerar a nota emitida pelo Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, em abril de 2024, declarando que a quantidade de médicos no Planalto Central aumentou em 75% nos últimos 13 anos. Em relação ao parâmetro de médicos por mil habitantes, a capital federal desponta com a maior densidade de médicos no país, marcando um índice de 6,3 médicos por mil habitantes, sendo mais que o dobro da média nacional, que marca 2,8 médicos por mil habitantes (CRM- DF, 2024).

Sua participação consiste em responder um questionário eletrônico estruturado auto preenchível validado, contendo 25 questões fechadas, digitadas no *Google Docs*. Cabe ressaltar que este questionário já foi anteriormente aplicado em egressos de instituição particular do Sul do país (Universidade Positivo de Curitiba - Paraná) (PURIM, BORGES, POSSEBOM, 2016). O prazo de preenchimento do formulário será de 30 dias, contados a partir do envio do mesmo. Um segundo comunicado lembrando do preenchimento será enviado no décimo dia após o envio e ainda um terceiro comunicado após o 20º dia de envio.

Este estudo possui riscos de confidencialidade, porém, visando te proteger nos comprometemos que o convite para participação na pesquisa não será feito com a utilização de listas que permitam a identificação dos convidados nem a visualização dos seus dados de contato (e-mail, telefone, etc) por terceiros.

Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com os futuros formandos, gestores de saúde e comunidade científica, revelando um panorama atual do mercado de trabalho para médicos recém-formados no DF. Os resultados aqui encontrados ambicionam fomentar a importante discussão da desigualdade na distribuição geográfica de profissionais médicos no país, que findam por comprometer a qualidade da assistência em saúde de parte da população brasileira, ameaçando assim o princípio de equidade, proposta no Sistema Único de Saúde.

Sua participação será voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis. Também terá o direito de não responder qualquer uma das perguntas. Embora nenhum dano físico ou psíquico seja esperado durante ou após a aplicação deste questionário, em caso de ocorrerem e, se desejado, o pesquisador responsável providenciará o seu encaminhamento ao Serviço Médico.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo. Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será



permitido o acesso a outras pessoas. Os dados e instrumentos utilizados (por exemplo, fitas, entrevistas, questionários) ficarão guardados sob a responsabilidade da Doutora Fabiana Xavier Cartaxo Salgado e acadêmica Ádria Maria Nascimento Júnior com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma dúvida referente aos objetivos, procedimentos e métodos utilizados nesta pesquisa, entre em contato com a pesquisadora responsável Dra Fabiana Xavier Cartaxo Salgado, e-mail: fabiana.salgado@ceub.edu.br. Também, se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP-UniCEUB), que aprovou esta pesquisa, pelo telefone **3966-1511** ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h30 às 12h30 e 14h30 às 18h30. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Esta pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012 que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Caso concorde em participar deste estudo, favor assinalar a opção a seguir:

() Concordo em participar do estudo aqui apresentado.